

FLORA DA OBRA POÉTICA DE GUSTAVO TEIXEIRA

Flora of Gustavo Teixeira poetic work

FRANÇA, Flávio¹

Resumo

Gustavo Teixeira produziu poesia de 1908 a 1937 fazendo significativo uso de temas botânicos. O objetivo deste trabalho foi avaliar a flora citada nesta obra. Foram feitas três leituras da mesma, durante as quais foram colhidos os nomes de plantas. O fragmento do poema onde nome de planta estava referido era retido e armazenado em planilha. A identificação botânica foi feita com dicionários e obras específicas. Foram registradas 483 referências a nomes de plantas, perfazendo um total de 90 “espécies” diferentes. “Rosa”, com 130 citações, foi o nome mais citado, seguido pelo “Lírio” (60 citações), “Violeta” (42); “Jasmim” (28); “Açucena (=Cecém)” (15); “Craveiro (=Cravo)” (13), “Camélia” (10) e “Urze” (9). Apenas três famílias tiveram cinco ou mais nomes citados: seis de Asteraceae, cinco de Leguminosae e de Poaceae. São nomes de plantas estrangeiras introduzidas no Brasil 63,3 %, enquanto 12,2 % são nomes de plantas nativas.

Abstract

Gustavo Teixeira produced poetry between 1908 and 1937 making significant use of botanic themes. The goal of this paper is to evaluate the flora mentioned in his works. The poems were read three times so that plant names were collected. The poem fragment where the plant name was uploaded in a spread-sheet. Botanic identification was made with the use of dictionaries and specialized literature. 483 references of plant names divided into 90 different “species” were registered. “Rosa” – Rose, with 130 citations, was the most cited name, it was followed by “Lírio” –Lily, (60 citations); “Violeta” –Violet, (42); “Jasmim” – Jasmine, (28); “Açucena (or Cecém)”, a kind of Lily, (15); “Craveiro (or Cravo)” – Carnation, (13); “Camélia” – Camelia, (10), and “Urze” –Heather, (9). Only three botanic families have five or more citations: six of Asteraceae and Leguminosae and Poaceae (five each). Foreign plant names introduced in Brazil were 63.3%, while only 12.2% were native plant names.

Palavras-Chave: Gustavo Teixeira; Etnobotânica; Poesia brasileira.

Key-words: Gustavo Teixeira; Etnobotany; Brazilian Poetry.

Data de submissão: Setembro de 2014 | **Data de publicação:** Dezembro de 2014.

¹ FLÁVIO FRANÇA - Biólogo. Doutor em Botânica. Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana, Novo Horizonte, Bahia, Brasil. Departamento de Ciências Biológicas. Correio Eletrônico: flaviofranca@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Gustavo Teixeira foi um poeta paulista, que produziu literatura de 1908 a 1937. Seu livro de estréia foi intitulado “Ementário”, tendo sido prefaciado por Vicente de Carvalho. Em 1959, sua obra poética foi publicada em livro, contando com uma análise crítica de Cassiano Ricardo (TEIXEIRA, 1959).

O estudo crítico de Cassiano Ricardo qualifica Gustavo como o “poeta das roseiras”, repisa a alta qualidade do poema “Cleópatra” e reclama duramente das rimas frequentemente repetidas ao longo da obra, como o par “Borboleta/violeta”.

Chama a atenção essa predileção pelas flores que Gustavo Teixeira revela em toda a sua obra, uma fonte constante de rimas e temas, usando muito os simbolismos representados pelas diversas plantas. Qual o tamanho da diversidade desta flora? Qual ou quais os significados que o autor utiliza na obra? Estas são as perguntas essenciais da investigação realizada, cujos resultados aqui se apresentam.

Considerações sobre as espécies de plantas citadas nas obras poéticas são raras. Damasceno (1983), relaciona diversos nomes relacionados a motivos florais na obra poética de Cecília Meireles no conjunto de seres que impressionam os sentidos e que configuram a realidade física apreendida pela poetisa.

Espera-se que pesquisando a flora citada na obra poética de Gustavo Teixeira seja possível fornecer novas informações sobre os motivos que inspiraram a poesia do autor de “Cleópatra” e também oferecer um vivo retrato sobre como os escritores da primeira metade do século XX percebiam a natureza traduzindo-a nas suas obras artísticas.

MÉTODO

Foram feitas três leituras do livro “Poesias Completas de Gustavo Teixeira” (TEIXEIRA, 1959). Nas duas últimas leituras, foram colhidos os nomes comuns de plantas citados. A cada citação, o verso, ou o fragmento do poema em que o nome da planta estava referido era retirado e armazenado em planilha.

A identificação dos táxons botânicos veio através da consulta de dicionários (FERREIRA, 2004; HOUAISS, 2001) e de obras específicas de botânica (CORREIA, 1926-1978; SOUZA & LORENZI, 2005).

RESULTADO E DISCUSSÃO

Foram registrados 483 referências a nomes comuns (i.e. nomes não científicos) de plantas, perfazendo um total de 90 “espécies” diferentes, sendo que “Rosa”, com 130 citações, foi o nome comum mais citado, seguido pelo “Lírio” (60 citações), “Violeta” (42); “Jasmim” (28); “Açucena (=Cecém)” (15); “Craveiro (=Cravo)” (13), “Camélia” (10) e “Urze” (9).

Em termos de número de citações, justificando o apelido de “poeta das roseiras”, “Rosa” soma c.27% de todas as citações de plantas na obra de Gustavo Teixeira.

O gênero *Rosa*, pertencente à Família das Rosáceas, um caso em que o nome comum é igual ao nome científico, apresenta de sete a oito espécies utilizadas em horticultura. Espécies do gênero foram introduzidas no Brasil pelos jesuítas entre 1560 e 1570. Tais espécies não são utilizadas apenas como ornamentais, mas também como alimento para animais, como medicinais e na indústria de cosmética e na culinária (BARBIERI & STUMPF, 2005).

A cor das pétalas das rosas tem significados diferentes na cultura popular. As amarelas expressam posse, ou seja, a pessoa a quem se dirige a flor só pode ter como pessoa amada o seu presenteador, daí as rosas amarelas estarem relacionadas com ciúmes; a rosa vermelha está relacionada com o amor e a rosa branca está relacionada com a pureza e o silêncio (SCOBLE & FIELD, 1998).

Na obra de Gustavo Teixeira, a maioria das vezes em que ele cita o nome “Rosa”, não o associa à cor, apenas um pouco mais que 10% das citações apresentam cor das flores, nestas a cor mais citada é a vermelha. As rosas vermelhas são associadas à dor do amor, pois de acordo com a mitologia Greco-romana, Afrodite correndo para confortar Adonis ferido com a chifrada de um javali, arranhou-se nos espinhos e do seu sangue as rosas vermelhas nasceram (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009); Existe também o mito que afirma Cleópatra, tentando seduzir Marco Antônio, encontrou-se com ele em um quarto cheio de pétalas de rosas vermelha, numa profundidade de mais de meio metro. Na mitologia greco-romana “Rosa” está associada ao culto de Venus (Afrodite) e Flora, sendo o símbolo do “regalo e dos prazeres” (CHOMPRÉ, 1938).

Apenas em um verso, o poeta cita a rosa vermelha (“Por sobre rosas vermelhas”, p. 181), nos demais versos ele apenas faz associações com a cor vermelha, como quando associa rosa ao sangue (“em cada hastil - uma sanguínea rosa”, p. 239) ou aos mamilos de

moças (“(Dançarinas) bailam, deixando ver, como botões de rosa/ os bicos de rubim dos seios latescentes”).

Apenas dois versos são relacionados às rosas brancas, ambas relacionadas à pureza: “Minhas rosas brancas” e “a roseira se cobre de alvas flores”, ambos na p. 237. A cor branca expressa qualidades além do físico, como o amor além do corpo, daí dizer-se que a rosa branca é a flor da luz; a rosa branca também é associada ao espírito permanente após a morte, sendo usado em cerimônias fúnebres na Ásia (SCOBLE & FIELD, 1998).

É possível encontrar vários significados para o nome “Rosa”: a flor das Rosáceas, a parte rosada das faces, uma mulher muito bonita, peça de latão usada pelos encadernadores para dourar os livros, “boca circular e ornamentada no tampo dos instrumentos de cordas dedilháveis da família do alaúde, e que também se encontra nos cravos, clavicórdios, e nas espinetas dos sécs. XV e XVI; rosácea, roseta” e, por fim, anus (FERREIRA, 2004).

A obra poética de Gustavo Teixeira é possível distinguir pelo menos 45 significados diferentes para “Rosa”, sendo o de “Flor”, naturalmente, o mais comum. Uma relação freqüente do termo “Rosa” é feita com perfume, o perfume da pureza (“teu corpo de astro e flor virginalmente/irradiava cheirando como as rosas”, p. 210), um perfume que embalsama (“Numa chuva balsâmica de rosas”, p. 283), o perfume do beijo (“o seu beijo que exala o aroma de uma rosa”, p. 316). Menos frequentemente, Teixeira associa o nome “Rosa” à boca virginal (“Da boca juvenil das nacaradas rosas”, p. 48 e “Crianças virginais de bocas perfumadas/como rosais em flor...” p. 78), à boca da alegria (“O riso que lhe assoma à boca perfumosa/É uma gota de luz ardendo numa rosa” p. 62), a boca como fonte de coisas boas (“é uma fonte de rosas essa boca” p. 225). Outra associação de “Rosa” é com “Coroa”: é com rosas que o poeta faz a coroa dos imperadores (“Colhem para coroa-lo (César) imarcescíveis rosas”, p. 82), é uma coroa de rosas o prêmio que o amante recebe pela atenção de sua amada (“Quis ser por ti de rosas coroado”, p. 148). O termo “Rosa” Também é associado à “Despedida” como “(...) no dia em que partiste/Plantei uma roseira” (p. 239) ou à “Ressurreição” como em “Anuncia a triunfal ressurreição das rosas” (p. 128).

A simbologia de “Rosa” tem relações com o renascimento místico, relação esta que passa pelo mito do sangue derramado. É possível que o significado da reconstituição esteja relacionado com a origem latina de Rosa com *Ros*, que originou nomes ligados à Chuva e ao orvalho (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009).

No período barroco, buscava-se, pela imagem da “Rosa”, “lembrar aos homens a curteza da vida, a inutilidade das pompas e o insensato da vaidade” (DAMASCENO, 2003).

Pelo menos na obra de Gustavo Teixeira, não há a associação de “Rosa” com a porção final do intestino humano...Mas é frequente a relação com partes do corpo humano além de boca, face e pele (já citados) também encontramos coração (“Seu coração, ingênuo e palpitante,/é do tamanho de um botão de rosa”, p. 219) , mamilo (“(Dançarinas) bailam, deixando ver, como botões de rosa/ os bicos de rubim dos seios latescentes”, p. 34).

A segunda planta mais citada foi “Lírio”, com c. 12% das citações. O nome “Lírio” refere-se principalmente ao gênero *Lilium* (Liliaceae) (FRÁGUAS *et al.*, 2002), mas é frequente sua associação com espécies pertencentes a outras famílias como Amaryllidaceae, Zingiberaceae, Velloziaceae, entre outras.

O “Lírio” branco é relacionado à pureza da mulher, sendo usado para ornamentar o cabelo das noivas, além disso, a mistura dos perfumes das rosas e dos lírios, estimula a produção de endorfinas, provocando uma sensação de relaxamento e bem estar. Incenso à base de lírio era utilizado para purificar os recintos onde se desenvolveriam ritos religiosos. Seu bulbo era utilizado para reconciliar namorados separados (PEREIRA & HACHMANN, 2009).

O “Lírio” era associado ao culto de Juno. Conta-se que Hércules ao alimentar-se do leite do seio de Juno, sugou-lhe com tal força que espirrou no céu, originando a via láctea e também na terra dando origem aos lírios. No Oriente médio antigo o “Lírio” era associado ao culto de Astarte, a deusa da fertilidade; com o cristianismo, a planta passou a representar Maria, mãe de Jesus. Porém, quando os devotos ornamentavam as igrejas com esta flor, tomavam o cuidado de retirar os estames e o gineceu (SCOBLE & FIELD,1998).

No misticismo hebraico, o vale representa o mundo e o “Lírio” representa o Messias, neste sentido esta flor está relacionada com a simbologia da árvore da vida, planta que restitui a vida pura e a promessa de imortalidade. O “Lírio”, que é a flor de Lis, é o símbolo da pureza, da inocência e da virgindade. Na mitologia greco-romana, o “Lírio” é resultado da metamorfose de Jacinto, representando o amor proibido. Outra simbologia baseada na mitologia greco-romana é a associação do “Lírio” à tentação e como a porta dos infernos, pois Perséfone foi capturada por Hades ao colher lírios no campo. O formato do pistilo levou os autores antigos a associar o “Lírio” à procriação e, em seguida, à fertilidade; esta relação

com a fertilidade fez do “Lírio” a flor do amor intenso que é sublimado (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009).

Gustavo Teixeira gosta de associar o “Lírio” à brancura da pele da mulher amada como em “(Se eu pudesse) colher um lírio no jardim desse alvo colo” (p. 51). Também é freqüente a associação das “Rosas” com os “Lírios” (“Mas guardei sempre, sempre a tua imagem na alma/na glória de um altar de rosas e de lírios”, p. 379), talvez simbolizando a busca do poeta pelo prazer que descansa das agruras da vida.

Novamente é importante a relação com partes do corpo humano com a flor, como mão (“... embora a palma/não logre de alcançar tua mão, que é um lírio”, p. 77), Fronte (“Pousavas no meu peito a fronte .../ como um lírio que o vento inclina” p. 222) e seio (E enebria-me o aroma que se evola/do teu seio de lírio imaculado).

Depois temos a “Violeta” com 9% das citações. O nome comum “Violeta” refere-se ao gênero *Viola* (Violaceae), a espécie de *Viola* mais interessante seria *Viola odorata*, muito perfumada e com muita utilização na medicina como expectorante, anti-espasmódica, sudorífera, diurética e anti-inflamatória. *Saintpaulia ionantha* (Gesneriaceae) refere-se à “Violeta-Africana”, muito popular e cultivada no Brasil (SOUZA & LORENZI, 2005). Para um leitor brasileiro, o nome “Violeta” é mais associado ao gênero *Saintpaulia*, sendo o gênero *Viola*, mais associado ao nome “Amor-Perfeito”. A violeta é essencial na obra de Gustavo Teixeira, pois a usava quase que invariavelmente para rimar com “borboleta”, rima que se repete à exaustão.

Viola odorata é associada à fidelidade. Na poesia de Shakespeare a violeta é um símbolo da humildade e da constância no amor e que sonhar com violeta pressagia progresso na vida (SCOBLE & FIELD, 1998).

O principal atributo que Gustavo Teixeira usa de “Violeta” em seus poemas é o perfume (“um delicado, um fino aroma de violeta”, p. 53), aproximando sua imagem à *Viola odorata*, mas em nenhum momento ele fala da fidelidade.

Em seguida observa-se o “Jasmim” com c. 6% das citações. Este nome é associado a muitas plantas diferentes, mas as principais são as representantes do gênero *Jasminum* (Oleaceae) (FERREIRA, 2004.)

O “Jasmim” o foi uma planta introduzida no ocidente pelos navegadores portugueses, tendo fama de dar boa sorte e favorecer o crescimento econômico, este último atributo é a

base da tradição italiana das noivas usarem um raminho de jasmim em seus vestidos(SCOBLE & FIELD, 1998).

Assim como a “Violeta”, o principal atributo utilizado por Gustavo Teixeira do Jasmim é o seu perfume (“Se teu cabelo cheira a malva/teu seio em flor cheira a jasmim”, p. 378).

Logo depois, em número de citações, encontramos a “Açucena”, sinônimo de “Cecém”, os dois nomes juntos com c. 3% das citações. Este nome comum é identificado como *Lilium candidum*, sendo aplicado também para *Amaryllis* e *Hippeastrum* (ambos Amaryllidaceae) (FERREIRA, 2004.). Alguns autores associam ao nome apenas o gênero *Hippeastrum*, com muitas espécies diferentes(SOUZA & LORENZI, 2005). Outros citam como “Açucena” outros gêneros como *Zephyranthes*. Uma açucena (*Hippeastrum equestre*) apresenta bulbo que fornece suco "excitante e purgativo", a açucena da espécie *Hippeastrum procerum* é denominada "flor da imperatriz" e largamente cultivada no Brasil e na Europa (CORREA,1926-1978)

Gustavo Teixeira usa as “Açucenas” de forma muito similar àquela que ele usa os “Lírios”, basicamente a planta reforça a cor branca (“o orvalho, que afogava as brancas açucenas”, p.48) e a pureza, principalmente a pureza virginal (“da idade em que eras apenas/da altura das açucenas”, p. 402)

A seguir tem-se o “Craveiro”, sinônimo de “Cravo”, os dois nomes juntos com quase 3% das citações. Existem muitos craveiros: *Dianthus caryophyllus* (Caryophyllaceae), Cravo-da-índia (*Caryophyllus aromaticus* - Caryophyllaceae), Craveiro-da-terra (*Calyptanthus aromatica* ou *Pseudocaryophyllus sericeus*, ambos Myrtaceae) (FERREIRA, 2004). Também se afirma que o nome comum “Cravo” é aplicado a *Sizygium aromaticum* (Myrtaceae) (SOUZA & LORENZI ,2005)

Na linguagem poética e dos namorados os cravos têm significação diversa conforme a cor: amarelo=desdém, branco=fidelidade, róseos=sensação, variegado=acoroçoamento, vermelho=horror (CORRÊA, 1926-1978).

O atributo de “Cravo” que Gustavo Teixeira mais usa é o perfume (“O olor de um cravo...”, p. 145), além disso, o poeta relaciona a planta à paixão (“ E os cravos purpúreos de pétalas de chama”, p. 57) e à motivos eróticos (“E em cujo seio níveo e perfumado/como um craveiro em flor”, p. 40). Ele relaciona a flor à cor vermelha, mas associado ao calor da

paixão (“Hei de beijá-la até que fique tão vermelha/como um cravo onde pousa uma sequiosa abelha”, p. 383)

“Camélia” vem em seguida com c. 2% das citações. Esta planta é associada à espécie *Camelia japonica* (Theaceae)(FERREIRA, 2004).

“Camélia” foi a planta da "moda" por muitos decênios, sendo que os cultivadores muito se dedicaram a ela, razão pelo qual se explica o grande número de variedades (CORRÊA, 1926-1978)

A “Camélia” representa a honestidade. Contudo, este significado não aparece na poesia de Gustavo Teixeira, que associa esta flor, principalmente às partes do corpo da amada, como o colo (“De bocas de papoula, e colos de camélia”, p. 50), o seio (“Desfolha em beijos o botão da boca/ E as camélias dos seios nos abraços”, p. 262) e o cabelo (“Trouxe para teu colo êste colar de rimas/ e para o teu cabelo uma camélia branca.”, p. 76), sempre relacionando com a cor branca, logo, com a pureza.

Todas as demais plantas citadas apresentaram juntas 38% do total das citações.

Ao se tentar associar os nomes comuns usados pelo poeta a nomes científicos, de forma que se torna possível avaliar a procedência das espécies e buscar informações precisas sobre as mesmas, percebe-se uma grande imprecisão nos dados.

Na verdade, a identificação, ou seja, a associação destes nomes comuns com nomes científicos, às vezes é impossível, pois um mesmo nome pode estar associado a espécies diferentes, que podem ser da mesma família ou de famílias diferentes, por exemplo, pode-se citar o nome “Urze” associado a duas espécies diferentes: *Leucothoe duckei* e *Gaylussacia amazonica*; Como também o nome “Bonina” pode referir-se à *Mirabilis jalapa* (Nyctaginaceae), a *Bellis perenis* (Asteraceae) ou a *Callendula officinalis* (Asteraceae) (FERREIRA, 2004; HOUAISS, 2001).

Considerando a correspondência dos nomes comuns citados com táxons botânicos, conforme as referências acima citadas, observa-se que apenas 3 famílias tiveram cinco ou mais nomes citados: seis deles são associados às Asteraceae (c. 6,7%), cinco às Leguminosae e o mesmo número de nomes às Poaceae (c. 5,6%).

A família Asteraceae, conhecida também como Compositae, reúne as populares margaridas, sendo caracterizada pelas inflorescências que simulam uma única flor, um tipo de pseudanto, que tecnicamente levam o nome de Capítulo. É uma das famílias com maior

número de espécies da flora mundial. Na obra poética de Gustavo Teixeira, esta família é citada com os nomes: “Margarida” (“Que são os corações das mortas margaridas”, p. 57), “Crisântemo” (“Pus um crisântemo à lapela/para assistir a procissão...”, p. 309), “Cardo” (“O desgraçado que em prantos erra/por entre cardos, trevas, pavores”, p. 351), “Mal-me-quer” (“E, desfolhando um mal-me-quer”, p. 308), “Dália” (“Viçavam nele (no leão de bronze) a avenca, o mirto, a rosa, a dália”, p. 196) e o “Helianto” (“Como um helianto quando o sol declina”, p. 109).

Leucanthemum vulgare é o nome da espécie mais frequentemente associado à Margarida, porém tal nome comum pode estar associado a outros gêneros botânicos, como *Chrysanthemum* e *Bellis* entre outros (FERREIRA, 2004; SOUZA & LORENZI, 2008).

NA língua inglesa, a margarida é chamada “Daisy”. Esta planta sugere a inocência (SCOBLE & FIELD, 1998). Essa inocência é possível deprender dos versos em que o poeta usa a imagem das margaridas, como em “Minha alma, como um canteiro/de margaridas de alvas flores se constela” (p. 236).

Crisântemo é o nome dado a muitas espécies do gênero *Chrysanthemum*, sendo difícil precisar uma espécie. Alguns associam o nome à *Chrysanthemum morifolium* e também a *Dendranthema grandiflorum*, ligando a planta ao sentimento de esperança que surge nas épocas desfavoráveis (SCOBLE & FIELD, 1998). Esta imagem é encontrada na obra de Gustavo Teixeira como no verso: “E eu, que alimento uma ilusão/Pus um crisântemo à lapela/para assistir a procissão...” (p. 309), onde o eu lírico espera encontrar a amada.

O nome “Dália” refere-se a três espécies do gênero *Dahlia* : *D. coccinea*, *D. imperialis*, *D. variabilis*, que devem ser a origem da híbrida intensamente cultivada atualmente (CORRÊA, 1926-1978; SOUZA & LORENZI, 2005).

A “Dália” sugere a instabilidade da beleza perfeita, pois sendo uma planta originária da América central, ela não sobrevive aos rigores do inverno europeu; no seu país de origem era cultivada como alimento, pois seu tubérculo é doce e comestível. Na poesia de Gustavo Teixeira, a Dália representa a beleza superficial, o enfeite, como o detalhe que embeleza (“Viçavam nele (no leão de bronze) a avenca, o mirto, a rosa, a dália”, p. 196) (SCOBLE & FIELD, 1998)

Tal indeterminação encontrada nos exemplos anteriores não acontece com o Cardo (*Centaurea melitensis*), que se acredita ter sido introduzido no Brasil junto com sementes de linhaça (CORRÊA, 1926-1978).

O nome “Mal-me-quer” é associado à espécie *Aspilia foliacea*, é muito utilizado popularmente, como uma forma de verificar se o amor dedicado a outrem é correspondido.(FERREIRA, 2004.)

“Helianto” é um dos nomes comuns do popular Girassol (*Helianthus annuus*), uma espécie que apresenta um movimento de seu capítulo de acordo com o movimento solar, daí o sentido do verso construído pelo poeta: “Como um helianto quando o sol declina”, (p. 109). O girassol incorpora alguns predicados do próprio sol, sendo relacionado ao poder e ao calor; na cultura chinesa, ele é associado à longevidade (SCOBLE & FIELD,1998.).

Outro táxon rico em espécies na obra poética de Gustavo Teixeira é a família Leguminosae. Esta família, extremamente complexa, com muitas espécies importantes como o Feijão (*Phaseolus*) e o Pau-Brasil (*Caesalpinia*), caracteriza-se pelas suas folhas compostas, sempre alternadas e com estípulas, como também pelos seus frutos em forma de vagens, algumas, inclusive, um tipo especial destas vagens é denominado tecnicamente de Legume, e é daí que surge este nome tradicional da família. Assim com as Asteraceae, que tem como nome alternativo Compositae, o nome Leguminosae é o nome alternativo para Fabaceae, o nome correto desta família.

A família Leguminosae contou com cinco nomes. Foram eles: Acácia (“Além, renques em flor de acácias e de mirtos”, p. 198), Ébano do Oriente (“Dentro do esquife de ébano do oriente”, p. 210), Flamboyant (“Enquanto o flamboyant a sementeira d'oiro”, p. 197), Giesta (“Colhendo lírios e giesta”, p. 153) e Tojo [“(aquele que tem fé pode)/fazer chorar a pedra, o tojo dar violetas”, p. 465]

“Acácia” é nome comum que coincide com o gênero *Acacia*, mas que também é aplicado a algumas espécies de *Senna* ou *Cassia*, como também a algumas espécies de *Tecoma* (Bignoniaceae). No Brasil existem muitas espécies que antigamente pertenciam ao gênero *Acacia*, mas que atualmente pertencem ao gênero *Senegalia*. É possível que o poeta esteja se referindo a um representante de *Cassia* ou *Tecoma* (Bignoniaceae), que são muito cultivados e não ao gênero *Acacia*.

O nome “Ébano do Oriente”, não foi encontrado na literatura consultada. Encontrou-se “Ébano da Austrália”(CORRÊA, 1926-1978). Creio que Gustavo Teixeira refira-se a esta espécie, senão ele teria usado simplesmente “ébano”, que se referiria à Ebenaceae *Diospyrus ebenum*. Outro fato que corrobora este nome é que o “Ébano da Austrália” foi introduzido no Brasil em São Paulo, no Instituto Agrônomo de Campinas “há uns 40 anos...”, como

afirma Corrêa, considerando que os três primeiros volumes da obra de Corrêa foram publicados entre 1926 e 1952, e que esta informação estava no volume II, então esta introdução deve ter se dado mais ou menos na virada do século, ou no início do século 20, ou seja, esta planta era cultivada na época de Gustavo Teixeira e na região em que ele morava.

O nome “ébano” é associado a uma madeira extraordinariamente negra e dura, o que levou o poeta de forma lúgubre a utilizá-la para um caixão (“Dentro do esquife de ébano do oriente”, p. 210)

O “Flamboyant” tradicionalmente é associado à outra Leguminosae denominada *Delonix regia*, que produz imensas vagens, algumas com quase 80 cm de comprimento, abrigando uma semente muito apreciada em artesanato. Na época da floração, a árvore se veste de grandes e vistosas flores de pétalas vermelhas, contudo o poeta associa a planta à cor amarela (“Enquanto o flamboyant a sementeira d'oiro”, p. 197)

O nome comum “Giesta” é associado a dois nomes científicos: *Genista tinctoria* e *Spartium junceum* (FERREIRA,2004), sendo impossível decidir a qual destas espécies o poeta se referia; O mesmo associa o nome “Tojo” à espécie *Ulex europaeus*, também pertencente às Leguminosae. Gustavo Teixeira associa a planta ao “Lirio”, dando um ar de ingenuidade e pureza (“Colhendo lírios e giesta”, p.153)

A outra família que contou com cinco nomes citado foi Poaceae, que também tem um nome alternativo (Gramineae). As gramíneas formam um grupo de plantas essencial para a vida humana, é a família do arroz, do milho, da cana-de-açúcar e de muitas outras espécies utilizadas na alimentação. Caracteriza-se pelas folhas alternas dísticas, com bainha aberta, presença de lígula e uma inflorescência muito especial, que abriga uma flor extremamente reduzida. Na poesia de Gustavo Teixeira encontramos os seguintes nomes citados: Trigo (“E cabe (Deus) dentro de áureo grão de trigo”, p. 287); Bambu (“sob o bambual que freme e se debruça/para dar sombra carinhosamente/(...)/plange minha saudade mais ardente”, p. 361); Joio (“O homem vendo na seara o joio, diz consigo...”, p. 476); Arroz (“De um arrozal maduro o oceano loiro”, p. 101); Vetiver (“Não cheira a mirra ou vetiver” p. 308).

O “trigo” (*Triticum vulgare*) é uma daquelas plantas que dispensa apresentações e comentários, pois todos são capazes de indicá-la e todos conhecem seu significado para a humanidade. Sendo a base alimentar de boa parte da espécie humana e historicamente associada à satisfação da fome, o trigo é associado ao que é bom. Ao mesmo tempo o joio

(*Lolium temulentum*), planta venenosa que pode invadir as culturas de trigo, representa o que há de mau. É o que o poeta exprime nos verso: “O trigo- os bons, o joio- os réprobos, o imundo” (p. 476), em que reproduz a ideologia cristã.

O “Bambu” (*Bambusa* sp.) é usado na poesia do autor do “Ementário” por conta do som produzido nas grandes populações de espécies deste gênero, que costumam emitir um som lamentoso, quando seus colmos são forçados a se tocar com vento. É o que expressa os versos em que “Bambu” é citado, além do acima referido ainda podemos ver em mais dois: “O murmúrio do bambual nem move as ventarolas” (p. 369) e “Os bambuais, que o vento dobra” (p. 404).

O “Arroz” (*Oriza sativa*), também é bastante conhecido como base alimentar em diversos países do mundo, inclusive o nosso. É popular também a chuva e arroz sobre os recém-casados.

O “Vetiver” (*Andropogon squarrosus*) é uma erva aromática também conhecida como patchuli (FERREIRA, 2004), daí o poeta ter colocado ao lado da Mirra, outra planta com reconhecidas qualidades aromáticas.

Ao tentar associar os nomes apresentados pelo poeta em estudo às espécies botânicas, mesmo que de forma imprecisa, mesmo que de forma incompleta, é possível estabelecer uma medida do quanto que as espécies nacionais motivaram o poeta. Neste ponto observa-se que a maioria esmagadora dos nomes vegetais empregados é associada a plantas estrangeiras. Assim, do conjunto total de “espécies” (90) 63,3 % são nomes de plantas estrangeiras introduzidas no Brasil, enquanto que apenas 12,2 % são nomes de plantas nacionais, demonstrando certa dificuldade do poeta em separar-se da cultura européia na composição de seus textos, mesmo uma época em que a intelectualidade brasileira voltava-se para o país como fonte inspiradora de temas literários e tendo a natureza um papel importante neste processo. A poesia deste obscuro escritor brasileiro revela um autor capaz de composições delicadas, para isso ele apoiou-se nas texturas e cores das flores, bem como nos seus significados para expressar seus pensamentos e emoções. Levantamentos similares em outros autores brasileiros podem levar a novos conhecimentos sobre seus processos de composição e sobre os significados dos poemas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIERI, R. & STUMPF, E.(2005). “Origem, evolução e história das Rosas cultivadas”. In: *Revista Brasileira de Agrociência*, 11 (3): 267-271.

CORRÊA, M.P. (1926-1978). *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. VI Vol.. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

DAMASCENO, D. (1983) “Poesia do sensível e do imaginário”. In: C. Meireles, *Obra Poética*, p. 13-36. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT (2009). *Dicionário de Símbolos*. Tradução: V. Costa e Silva, R.S. Barbosa, A. Melim & L. Melim (23^a. Ed.). Rio de Janeiro: José Olympio.

FRÁGUAS, C.; CHAGAS, E.; SILVA, E.;PASQUAL, M.; OLIVEIRA, P. (2002) “A cultura do lírio”. In: *Boletim de Extensão* (UFLA), 31: 1-17.

FERREIRA, A. B.DE H.(2004). *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo.

HOUAISS, A. & VILLAR, M.S.(2001) *Dicionario Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

PEREIRA, V. & HACHMANN, C. (2009). “Nomes de Logradouros de flores”. In: *Jornal Hoje (Cascavel)*, Coluna Local (Sua Rua), edição de 3/Nov.

SCOBLE, G. & FIELD, A. (1998). *The meaning of flowers*. San Francisco: Cronicle Books.

SOUZA, V. & LORENZI, H.(2005). *Botânica sistemática*. Nova Odessa: Instituto Plantarum,.

TEIXEIRA, G.(1959). *Poesias Completas*. São Paulo: Anhambi.